

A PONTE INTERNACIONAL BARÃO DE MAUÁ: UM PATRIMÔNIO COMPARTILHADO

FATIANE FERNANDES PACHECO¹; FÁBIO VERGARA CERQUEIRA ²

¹ Universidade Federal de Pelotas – fatianepacheco@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – fabiovergara@uol.com.br

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho é parte inicial de uma pesquisa que está em andamento no PPG Memória social e Patrimônio cultural da UFPel, em que se pretendem averiguar as representações memoriais da Ponte Internacional Barão Mauá para a população de Jaguarão, no lado do Brasil, e de Rio Branco, no lado do Uruguai, representações que atuam na (re)construção de uma identidade enquanto cidadãos fronteiriços. A ponte Internacional Barão de Mauá liga as cidades de Jaguarão e Rio Branco e foi construída entre 1927 a 1930, como resultado de um acordo assinado em 1918 entre os dois países, com intuito de aproximá-los política, econômica e culturalmente. Em 2012 a Ponte Internacional Barão de Mauá foi declarada como o primeiro Patrimônio Cultural do MERCOSUL, tornando-se assim um símbolo das relações sociais de integração da fronteira Brasil Uruguai, relações construídas na região pelo diferentes tempos históricos, marcando o encontro da cultura desses dois países vizinhos que acumulam uma história de conflitos e negociações.

A pesquisa procura contribuir para a reflexão da experiência identitária na fronteira a partir do compartilhamento de um bem cultural como é o caso da Ponte Internacional Barão de Mauá, observando seus impactos e significações para as populações de Jaguarão/Brasil e a de Rio Branco/Uruguai, como forma de pertencimento e reconhecimento dos seus laços identitários fronteiriços.

A sociedade preserva elementos culturais em função da evocação de uma lembrança, por isso torna-se fundamental a participação da população na construção de seu patrimônio cultural, pois ela deve ser o objeto para o qual convergem os esforços de busca de uma memória coletiva, vinculada a lembranças, valores e sentimentos, que são fundamentais para o pertencimento e reconhecimento de laços identitários. Portanto, as escolhas memoriais feitas por um grupo, isto é, essas representações que um grupo faz de si mesmo (memória compartilhada), são escolhas patrimoniais, que fazem referência a sua identidade.

A espacialidade da memória para Halbwachs (2004), como um espaço que funciona como um marco de memória importante e que nos auxilia tanto na formação quanto na evocação das memórias, garante o sentimento de continuidade. Quanto “a memória individual existe, mas esta enraizada dentro de quadros sociais, ligada às representações coletivas estabelecidas por grupos sociais”.

Para Candau a memória é representativa. Ao citar às diferentes manifestações da memória, afirma que somente a metamemória faz parte da construção identitária: segundo ele, a metamemória opera nos sujeitos como memória coletiva, a representação de memória é entendida como “um enunciado que membros de um grupo vão produzir a respeito de uma memória supostamente comum a todos os membros do grupo” (CANDAU, 2016 p. 24). Então o patrimônio é entendido como arte da memória compartilhada, mesmo que esse compartilhamento permaneça ilusório. É sobre tudo a imagem de uma permanência que o grupo deseja para si. A Ponte Internacional Barão de Mauá não é apenas no material que carrega valor. Interessam-nos, outrossim os significados e vivências ali experimentadas, pois a memória pode ser despertada através desse lugar no presente.

2. METODOLOGIA

Como instrumento metodológico para obter as memórias da população fronteiriça foram utilizadas entrevistas semiestruturadas (May, 2004). A escolha da técnica de pesquisa ser composta por entrevistas se justifica por esta metodologia possibilitar ao pesquisador o entendimento das relações complexas e memoriais presentes nas narrativas, entendendo os sujeitos como testemunhas e intérpretes das experiências identitárias pelo viés de um patrimônio compartilhado por dois países, e é por meio de memórias singulares, de experiências pessoais cotidianas, que este compartilhamento ganha sua dimensão subjetiva, de um universo múltiplo de representações. A ponte, enquanto referência cultural a partir da memória de momentos específicos, que se mostrem relevantes na perspectiva da cronologia subjetiva e não linear da Memória (Benjamin), e não conformes à linearidade do tempo da cronologia da História (LÖWY, 2005).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados preliminares encontrados na análise das entrevistas abrangem uma dimensão de rememoração da população com referência ao lugar, mostrando assim as diferentes experiências vivenciadas pela comunidade nesse espaço, reforçando o enraizamento dos laços de pertencimento das pessoas na categoria “lugar”. A partir dos relatos dos moradores locais, foi possível constatar que os entrevistados percebem a Ponte Internacional Barão de Mauá, na condição de patrimônio cultural, como uma narrativa da união de dois países vizinhos. A Ponte Internacional Barão de Mauá passa a ter um sentido para comunidade local relacionando a sua imagem e lembranças, assim a ponte como patrimônio cultural refere-se ao cotidiano e a sua representação histórica do encontro cultural de dois países. O reconhecimento de um patrimônio cultural para um grupo se mantém e se constrói na permanência de uma lembrança (reconhecimento), isto é sentimento de pertencimento. A ponte assim vai articular a dimensão do cotidiano, de travessia, de ponte propriamente dita, mas vai articular também a dimensão do discurso como patrimônio, narrativa esta que vem sendo construída e mantida pela população fronteiriça.

3. CONCLUSÕES

As conclusões parciais obtidas através da análise do referencial teórico, do material coletado nas entrevistas semiestruturadas, mostra que as representações memoriais que a ponte provoca na população fronteiriça são intensificadas pela memória coletiva, vinculadas às lembranças, valores e sentimentos, que são fundamentais para (re)construção de sua identidade. Logo, a mesma estabelece uma ligação com os moradores locais, não só como uma apropriação afetiva é estética, mas também cognitiva estabelece assim uma função de “signo”, como elemento significativo e necessário na interação desse grupo no espaço.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CANDAU, Joel. **Memória e Identidade**. São Paulo: Editora Contexto, 2011.
FRANCO, Sérgio da Costa. **Gente e coisas da Fronteira sul: ensaios históricos**. Porto Alegre: Sulina, 2001.

- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2014.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- HALL, Stuart. **Da diáspora – identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória Coletiva**. Rio de Janeiro: Vertice, 1990.
- _____. **Los marcos sociales de la memoria**. Caracas: Anthropos Editorial, 2004.
- MAY, Tim. **Pesquisa social: questões, métodos e processos**. 3.ed. Trad. Carlos A. Silveira. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- MENESES, Ulpiano Toledo Bezzerá de. O campo do Patrimônio Cultural: Uma revisão de premissas. In: **I FORUM NACIONAL DO PATRIMÔNIO CULTURAL: Sistema Nacional de Patrimônio Cultural: desafios, estratégias e experiências para uma nova gestão**. Ouro Preto/MG, 2009/ Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional; Coordenação Weber Sutti. Brasília, DF: IPHAN, 2012.p. 25-39.
- LÖWY, Michael. **Walter Benjamin: aviso de incêndio. Uma leitura das teses "Sobre o conceito de História"**. São Paulo: Boitempo, 2005.
- NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. In: **Projeto História**. São Paulo: nº 10, p. 7-28, dez. 1993
- POLLAK, Michael. "Memória e identidade social". In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, nº 10, 1992.p.200-2012.
- _____. "Memória, esquecimento, silêncio." In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro: vol. 2, nº 3, 1989.
- SOARES, Eduardo Alves de Souza. **Ponte Mauá: Uma História**. Porto Alegre: E.A.S.S/Evangraf, 2007.
- SOARES, Eduardo Álvares de Souza; FRANCO, Sérgio da Costa (org). **Olhares sobre Jaguarão**. – Porto Alegre: Evangraf, 2010.